

ESCRITURA E MEMÓRIA NA OBRA DE JAYME GRIZ

SCRIPTURE AND MEMORY IN JAYME GRIZ'S WORK

João Batista Pereira

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, Pernambuco, Brasil

jmelenudo@hotmail.com

Resumo: Este artigo visa a oferecer um panorama da obra do folclorista Jayme de Barros Griz, cuja atuação como escritor, poeta e ensaísta não tem encontrado receptividade da crítica na contemporaneidade. Neste sentido, torna-se relevante o resgate de sua produção literária e histórica, na qual as formas de vida dos negros da Zona da Mata Sul de Pernambuco e o declínio das usinas de açúcar despontam como principais motivos temáticos. Ao dialogar com Gilberto Freyre, pelo viés sociológico de suas teorizações, e com Luis da Camara Cascudo, calcado na apreensão do folclore como ciência para entender as sociedades, seu percurso intelectual registra avanços e recuos em relação aos pressupostos estéticos e culturais defendidos por esses autores. Enquanto sua poética se divide entre o que foi realizado pela Geração de 1870 e os ditames modernistas, e os ensaios recuperam, sob um prisma memorialístico, a presença do negro e o ocaso da civilização açucareira, com as narrativas fantásticas, Jayme Griz alcança originalidade e projeção estética ao focar lendas, credences e o sobrenatural através dos mitos agrários e do misticismo da cultura africana.

Palavras-chave: Jayme Griz; Folclore; Literatura Fantástica

Abstract: This article aims to offer a view of the folklorist Jayme de Barros Griz' work, whose performance as a writer, poet and essayist is unknown to criticism in contemporary times. By the way, is relevant to rescue his literary and historical production, in which the black way of life on the Zona da Mata Sul of Pernambuco and the decline of sugar mills emerging as the main thematic motives. By dialoguing with Gilberto Freyre, for the sociological of his theorizations, and with Luis da Camara Cascudo, based on the apprehension of folklore as a science to understand the societies, his intellectual career records advances and retreats in relation to the aesthetic and cultural point of view defended by these authors. While his poetics is divided between what was done by the Generation of 1870 and the modernists, and the essays recover, under a memorialistic prism, the presence of the black people and the decline of the sugar civilization, with the fantastic tales, Jayme Griz reaches originality and aesthetic projection by focusing on legends, beliefs and the supernatural through agrarian myths and mysticism of african culture.

Keywords: Jayme Griz; Folklore; Fantastic Literature

I.

O discurso literário coexiste sob dupla filiação: enquanto ele fala de si, institui sua presença na realidade, circunscrito a uma dimensão paratópica, condição de inclusão e exclusão no espaço onde é submetido. Essa proposição de Dominique Maingueneau, advogando que a Literatura ocuparia um lugar e um não-lugar, alcançaria também o escritor: imerso no contexto em que se funda a obra, ele e suas ideias passariam a fazer parte dela. Essa perspectiva do fazer literário inclina-se para o que referenciamos como o ideário do amplo projeto artístico de Jayme Griz, cuja produção é tributária da força com que foram vertidas reminiscências da infância, adotadas como causa e razão de sua escrita. Ainda que Recife seja a cidade onde ele morou a maior parte da vida, são as lembranças de uma Palmares lendária e de um mundo rural assenhoreado por causos e credíes da sincrética Zona da Mata Sul que norteiam as temáticas exploradas em seus livros.

Alcançando abrangência interdisciplinar e diagramada sob múltiplos enfoques, sua produção literária e ensaística é tributária dos rumos adotados por uma geração de escritores relutantes em aceitar as transformações que ocorriam no Brasil no início do século XX, quando demandas políticas, sociais e econômicas reconfiguravam as feições agrárias do país. No Nordeste, elas apontavam para a decadência das oligarquias rurais, com a repercussão que esse declínio traria à economia pernambucana, alcançando a capital do estado com projetos modernizantes, levados a cabo pelo governador Sergio Loreto. A conjuntura social na qual se incluíam essas mudanças teve sua contraparte cultural no Movimento Regionalista, calcado em redefinir o que era ser, estar e viver no Nordeste na década de 1920, resgatando valores caros da sua história e cultura. Uma leitura dessa manifestação permite notar a insurgência do movimento como resposta às propostas da Semana de Arte Moderna de 1922, cujo lema: “a defesa da destruição do passado para se tentar construir o futuro”, buscava renovar a arte brasileira. O manifesto dos intelectuais paulistas, sintonizado com as vanguardas europeias, demonstrava inconformismo com uma realidade reconhecida desde fins do século XIX: São Paulo, com poder político e econômico, não tinha o protagonismo do Rio de Janeiro, centro irradiador de tendências artísticas para todo o país (AZEVEDO, 1984, p. 38).

O restrito alcance da Semana de Arte Moderna – “não tivera a repercussão imediata que tencionavam seus líderes; e o movimento, até então, parecia um tanto restrito a São Paulo” (SCHWARCZ, 2017, p. 450) – não impediu que seu manifesto chegasse a Pernambuco, onde escritores e intelectuais ficaram divididos entre futuristas e passadistas em relação às suas propostas. Os futuristas conheceram as ideias modernistas em São Paulo e buscaram difundi-las em Recife, como fez Joaquim Inojosa, com a adesão de Farias de Neves Sobrinho, Austro-Costa e Joaquim Cardozo. Distinta foi a resposta dos passadistas: eles anteviram no retorno ao passado um meio de reafirmar as expressões e saberes originários da região. Em 1924, Gilberto Freyre fundou o Centro Regionalista do Nordeste, criou uma campanha para valorizar sua riqueza cultural, e instituiu o Movimento Regionalista e Tradicionalista, em defesa das tradições contra o furor imitativo dos paulistas.

Uma das realizações do Centro foi o 1º Congresso Regionalista do Nordeste, em 1926, com discussões pautadas na visão de que a tradição deveria ser perpetuada, para o passado não perder o seu espaço na sociedade. A tônica era resistir ao presente, defender o passado e promover uma articulação entre os estados, com vistas a amplificar a cultura nordestina. Buscava-se disseminar as realidades locais: as obras de José Américo de Almeida, Graciliano Ramos, Raquel de Queiroz e Jorge Amado aludem a essa preocupação. Um dos participantes do Congresso foi José Lins do Rego: ao exigir um regionalismo plural, ele exigia plasmar esteticamente a vida dos engenhos e a sociedade patriarcal e escravagista da região. Essa querela entre futuristas e passadistas e o resgate da tradição senhorial da civilização do açúcar são caminhos para definir como Jayme Griz se insere na literatura e história

pernambucanas. Duas influências balizam o alcance de sua produção: Gilberto Freyre e Luis da Câmara Cascudo, autores dos quais ele se distancia ao mimetizar uma idílica Palmares na literatura e recuperar o sincretismo do *ethos* afro-brasileiro em seus ensaios.

Raissa Paz corrobora essa hipótese ao contemplar sua presença sob um universo mais amplo, aliando-se aos ideais de artistas que, entre as décadas de 1940 a 1950, trouxeram a lume o folclore e as raízes do Nordeste para a arte regional. O traço mais cultuado por eles era o caráter popular e local personificados no homem do povo, como os vendedores de bolos, pescadores, os ocupantes das ruas, praças e mercados de Recife, tipos exemplares para destacar uma percepção original da cidade. Esse prisma estético retratava as vinculações ideológicas dos integrantes do *Atelier Coletivo* com preocupações sociais, calcadas no pitoresco, nos mitos autóctones e nos elementos fantásticos da vida espiritual da vida pernambucana. Eles deram vezo ao absurdo, ao sobrenatural e às fábulas, subsidiando com seus temas as xilogravuras, esculturas, pinturas, músicas e poesias com vistas a reconstituir esteticamente a realidade do povo (PAZ, 2015, p. 11).

Neste contexto surge a primeira publicação de Jayme Griz, em 1951: *Rio Una*, com poesias marcadas pelo colorido regional, cujo pano de fundo remete ao cotidiano de trabalho e celebrações nos engenhos, margeados pelo rio que intitula o livro. O autor se afasta dos debates públicos do início do século XX, quando novas percepções da vida social exigiam noticiar as novidades nos hábitos e na paisagem recifenses. Negando os temas urbanos e as inquietações dos primeiros anos em Recife, em *Rio Una* o autor assume uma direção que repercutirá em seus livros até o fim da vida: a volta ao passado. Nessa rememoração, tisonada pela nostalgia, predominam os cantos populares, às vezes impuros e desiguais em relação aos motivos folclóricos que lhe deram causa, dos quais são extraídas novas variações no conteúdo e na forma. Embora dispensem o mote folclórico, os poemas conservam traços da melopeia nordestina: ora têm um caráter modinheiro, ora de toada, lembrando o cantador típico da região, declamando cantigas ao som da viola. (SALLES, 1960, p. 1)

O gênero seria retomado em 1959, com o livro *Acauã*. Dividido em três seções: Cantigas, Negros e Banguê, elas referenciam o mundo rural, a vida dos ex-escravos e o ocaso dos engenhos. A lenta cadência do tempo e as minudências do cotidiano são assimiladas nos poemas como meios para afugentar os fantasmas das horas literárias, quando a triste luminosidade dos lampiões, clareando as alegrias do convívio nas salas e varandas dos engenhos defuntos ou de fogo-morto, vai vencendo o fulgor das lâmpadas elétricas. A técnica empregada nos poemas surge inseparável da linha melódica ao ampliar a sugestão temática, registrando as noites e dias do Una patriarcal e as lembranças das casas-grandes (CASCUDO, 1959, p. 14-15). As coisas humildes da existência – a linguagem das luzes, vegetais, rios e estrelas, atualizando uma união entre o homem e a natureza –, atesta a nostalgia de Jayme Griz a propósito de uma realidade irrecuperável. Ele acolhe o mundo natural em sua totalidade, cujo animismo é aceito com positividade, a partir do qual as abusões frequentam as trevas da noite em amistoso convívio com o homem. Essa mesma natureza, que propicia celebrações com a chegada do inverno, também é representada no livro em sentido oposto, ao provocar o êxodo rural derivado da estiagem, ambas as condições profetizadas pelo canto da *acauã*.

II.

Expor os modos de vida de ex-escravos, aliado à ressignificação dos costumes da Zona da Mata Sul, não se restringiu apenas aos poemas. Em *Palmares, seu povo, suas tradições*, de 1953, Jayme Griz revisita a formação étnica e traços constitutivos dos seus habitantes, acompanhados por cantigas de engenho e *maracatus*. Os contornos etnográficos desse olhar alcançam outras latitudes em *Gentes, coisas e cantos do Nordeste*, de 1954, no

qual são citados os tipos dessa faixa geográfica: praiheiros, pescadores, catimbeiros, vaqueiros, cortadores de cana, carreiros, moendeiros e fomalheiros, associados ao Litoral, à Zona da Mata e ao Sertão, numa mescla de cultura e paisagem natural vertidas em indumentárias, lendas, costumes, poesias e músicas. Destacam-se no livro os ritmos e espaços ocupados pelos eventos coletivos e as redes sociais onde eram negociadas as identidades por meio de rituais, laços de parentesco e poder social.

Em 1965, o autor publica *Negros*, desta feita aludindo aos cantos nostálgicos desta etnia, traduzidos nos *Autos dos Congos* e no *maracatu*. Ao citar as *Nações Rei do Congo*, *Preto Cambinda* e *Cambinda Chegou*, ele resgata uma expressão ancestral, o festivo sacrifício de um povo revivendo uma história de luta ao som dos batuques e no culto aos orixás que exaltavam sua fé. Os cantos rememoram a saudade de Luanda, de onde os negros vieram e ansiavam voltar, elencando cantos contemporâneos, materializados nos maracatus rural e urbano, influenciados pelas cerimônias de coroação das Nações de origem africana. Como herdeiro e partícipe dos Autos dos Congos, essa manifestação se configura como um vestígio dos séquitos que acompanhavam a coroação dos Reis do Congo eleitos pelos escravos, animada pelos batuques nos adros das igrejas, homenageando a padroeira de Recife ou Nossa Senhora do Rosário.

Os ensaios etnográficos atestam o permanente vínculo do autor com a cultura africana, nos quais despontam os hábitos, afazeres e cultos de escravos, ex-escravos e trabalhadores, dependentes da produção açucareira. Eles revelam as influências mantidas entre a produção da cana-de-açúcar e os estratos sociais dos engenhos, condicionadas pelo legado étnico dos negros, a exemplo da música, que exerceu aguda importância em seus modos de vida. Essa musicalidade vai da era dos banguês à das usinas, do regime escravagista ao trabalho livre, transposta em quadras, ditos, toadas e emboladas, atestando resignação e esperança com a condição de exilado e permanentes queixumes pela distância da África. Esse matiz musical emerge nas cantigas das práticas laborais, moldadas às atividades dos trabalhadores. São as de cambiteiro, as de engenho, os sambas de matuto e “botada”, os cantos de usina, os de tanger jumentos, além das poesias de violeiros e repentistas.

As reflexões do autor também enveredam por questões conceituais: o folclore seria uma ciência social, assimilado como um meio para entender a história dos povos, como preconizava Câmara Cascudo. Centrando-se na maneira como o folclore estruturou a vida nas cidades margeadas pelo rio Una, Palmares é descrita como um espaço histórico, mitológico e lendário, onde foram amalgamados mistérios, fábulas e provérbios derivados do encontro entre portugueses, africanos e indígenas. Esses traços teriam repercutido no carnaval, no bumba-meu-boi, nos caboclinhos, no cavalo marinho, nas pastorinhas, nos xangôs e nos autos, nos quais despontam tipos afro-brasileiros como objeto de devoção: Dona Clara, Catitinha e Rosa de Luanda são alguns deles. O jogo do bicho, afeto às artes das adivinhações, sugestões e decifrações, dependente da interpretação de enigmas anunciados em sonhos, também se inseriria no campo do folclore, e surge como tema explorado nos textos.

Uma síntese sobre como Jayme Griz se apropria em seus ensaios do ordenamento social do Nordeste em fins do século XIX exige reconhecer sua genuína vinculação com o caldo de cultura vigente nos banguês e nas usinas, onde Palmares irradiava riquezas. Em seus escritos prepondera um culto à memória, remetendo à nostalgia de um tempo destituído de valor no presente, contrapondo-se à cidade de Recife que emergia à época. Manuel Correia Andrade, em *Secretaria da Fazenda: um século de história*, corrobora essa afirmação, ao lembrar do escritor, quando trabalhou naquela instituição: ele era o filho do senhor de engenho, assenhoreado por contingências da vida que o levaram a ser um burocrata, imerso em uma geração relutante em aceitar as transformações que alcançavam o estado de Pernambuco desde o final do século XIX (ANDRADE, 1991, p. 129-131).

Além desse componente subjetivo, outra influência na leitura griziana sobre o negro é a vertente sociológica, chave utilizada para entender sua contribuição na formação brasileira. O referente imediato desse olhar se volta para *Casa-grande & senzala*, de Gilberto Freyre. Este livro desmistifica o determinismo racial na formação de um povo e resalta os fatores culturais e ambientais como parâmetros para analisar a miscigenada população do Brasil, refutando o cientificismo contido na ideia de que o encontro de etnias teria levado à criação de uma raça inferior. A positividade dessa asserção freyryana é percebida no poder detido pelos patriarcas nos engenhos: como proprietário das terras, ele também era considerado dono de tudo que nela estivesse. Essa naturalização do processo de domínio sobre bens e pessoas, e o que resultou de relações sociais hierarquizadas – realizadas amistosamente, na visão do sociólogo –, comparece transversalmente na leitura de Jayme Griz quando ele alude à presença e lugar ocupados pelos escravos em solo pernambucano.

Uma contribuição original sobre a influência de Gilberto Freyre no pensamento griziano foi realizada por Israel Ozanam de Souza Cunha, no artigo “Folclore e política: Jayme Griz e Palmares em memórias de liberdade”. Ele assevera que a valorização do negro na obra do autor encontra raízes em um projeto maior, iniciado por seu pai, Fernando Griz. Ao endossar a ideologia do *Clube Literário de Palmares*, da Geração de 1870, oposta ao Império, à escravidão e às instituições associadas à Monarquia, a mística do quilombo liderado por Zumbi foi evocada por seus membros como um elemento vital na retórica republicana em torno do conceito de liberdade. O pano de fundo dessa apropriação remete a uma busca historiográfica pelo lugar de Palmares no contexto nacional, ficando estabelecido um liame entre a resistência fundada na Serra da Barriga, em Alagoas, e a República palmarensense, em Pernambuco. Nessa vinculação foi ignorado o local ocupado pelo quilombo no século XVII, onde hoje fica União dos Palmares: pouco ou nada ele tinha em comum com a congênere pernambucana, exceto as origens toponímicas: ambas eram margeadas por palmeiras. O efeito dessa apropriação foi longo: com a usurpação cultural dos patrimônios relativos à escravidão, à memória da África e ao tráfico pelo *Clube literário*, Palmares ficou notabilizada pela fuga dos negros do cativo, e, como consequência, pela ideia de liberdade.

A relação entre o quilombo alagoano e a ideal de liberdade palmarensense no final do século XIX, estabelecido por Fernando Griz e outros literatos, estaria na origem do projeto de Jayme Griz de valorizar o negro numa civilização do açúcar. Unindo a história à estética, o folclore desponta como um instrumento de mediação para alcançar um substrato das tradições nacionais, citado como fonte primária das poesias culta e popular. Pressupondo uma conexão íntima entre ambas, o autor se concentrou na última, acolhida como raiz de uma sabedoria autêntica, e buscou em suas lembranças causos e expressões ouvidos dos trabalhadores, escravos e ex-escravos do Engenho Liberdade. Eles e seus relatos seriam parte importante de um povo ativo na construção das riquezas no Brasil, trazendo nesse bojo, os sentimentos de nacionalidade, identidade e liberdade. Desse conagração das raças resultou uma nação e uma sociedade civilizadas. Essa afirmação suscita uma reflexão, para uma melhor apreensão dessa premissa: como o negro se insere no projeto estético do autor, se em suas poesias, contos e ensaios são excluídas suas vivências subjetivas? Os dilemas interiores dos negros, pautados em suas individualidades, e como eles reagiram e sobreviveram à escravidão, desapareceram da obra griziana em detrimento de um registro mais amplo e nobre: eles foram inseridos na História oficial brasileira, projetada como uma nação republicana livre, sem diferenças raciais significativas (CUNHA, 2016, p. 352-353).

Ignorando o anacronismo de analisar a ensaística griziana apenas reavaliando o passado, olhando para trás com os olhos do presente, a distância temporal é propícia para uma releitura dos seus posicionamentos concernentes à representação da etnia negra, uma valorização tão genuína quanto a criticidade que se lhe ausenta. Envolvido por lembranças de ordem subjetiva, Jayme Griz relativiza as contradições de uma época, de uma região e de um

país marcados negativamente pela vida dos negros antes e após a abolição: sem respeito, moradia, trabalho ou dignidade, eles continuaram dependentes dos antigos donos e enfrentando precárias condições de sobrevivência. A acriticidade do autor é demonstrada no lugar de fala ocupado por eles nos contos: como narradores, pretos-velhos, curandeiros e rezadeiras, todos são assimilados à margem das casas-grandes, deslocados para o exercício de ofícios primários, sem nenhuma exigência de ordem intelectual ou reflexiva. Esse processo de subtração e subalternidade se repete nos ensaios: neles é sondada a vida cotidiana e a importância detida por cada um dos trabalhadores que davam vida aos engenhos, expondo sua situação laboral e convicções de ordem mítica, mística e religiosa. Todavia, raramente são verbalizadas as aspirações frustradas e as limitações impostas pela relação dos negros com os senhores e com a sociedade na qual estavam imersos, ausentando-se uma apreciação mais aguda sobre os fundos político, econômico e ideológico que os levavam a permanecer naqueles espaços.

Ao revisitar nos anos 1950 e 1960 a civilização do açúcar e as bases materiais exigidas para ela se adaptar aos novos tempos surgidos em fins do século XIX, para Jayme Griz, a miscigenação teria solidificado pontos de contato entre os povos e etnias formadores do tecido social do Brasil. Aceitando esse pacífico encontro de realidades tão díspares como parâmetro definidor de uma identidade nacional, suas afinidades eletivas com o Movimento Regionalista e com a sociologia freyriana se revelam como a maior limitação do seu projeto intelectual. Como um integrante da classe senhorial nordestina, cujo objetivo era garantir uma sobrevivência, no plano da economia simbólico-cultural, para oligarquias decadentes, alijadas do poder pela Revolução de 30, Gilberto Freyre, baseado na miscigenação racial e no caráter cordial das relações entre negros e brancos, alcançou em sua teorização uma engenhosa combinação entre modernismo e regionalismo. Essa premissa, amplamente assimilada pela leitura griziana, alcançou dois objetivos: mitigou os efeitos da estética modernista paulista e amplificou a influência da cultura do Nordeste na década de 30, produzindo um paradoxo: ao mesmo tempo que eram difundidos valores regionais, festejados como marcas da originalidade nordestina, ela adensou traços oligárquicos de uma sociedade patriarcal às voltas com a perda de prestígio e poder (ZAIDAN FILHO, 2001, p. 11-13).

À guisa destas ponderações surgirem como conclusões quanto às asserções de cunho antropológico e etnográfico dos ensaios, elas são atenuadas quando é observado que Jayme Griz não se furtou a perscrutar, nos resíduos de uma tradição conservadora, superstições, mitos e ritos do sincretismo afro-brasileiro. Não menos importante é a reiteração da força do folclore dessa visão de mundo, redimindo, por meio da escrita, práticas, atitudes e expressões de cunho oral em vias de extinção, destituídas de registro documental. Sob essa ótica, nota-se, se não uma ruptura, mas avanços em relação aos preceitos do Manifesto Regionalista de 1926, quando a diversidade do *ethos* nordestino ascendeu como um valor a ser reconhecido a partir de múltiplas influências, principalmente, a africana. Em síntese, se a conotação de modernidade vinculada aos chamados passadistas mirava o passado, em alguma medida, a obra griziana ecoou no futuro, ao exortar o negro e sua história como parâmetro para compreender a sociedade brasileira.

III.

Se na poesia o autor recria liricamente suas memórias e nos ensaios predomina o pesquisador e o folclorista, o seu reconhecimento literário viria com *O lobishomem da porteira velha (Histórias)* e *O cara de fogo*, livros lançados, respectivamente, em 1956 e 1969. Neles são relatados causos ouvidos na infância, em estradas visitadas por fantasmas e habitadas por espectros e seres metamorfoseados, afigurados como agentes da morte ou da loucura. Nas narrativas os espaços sombrios se adensam, sendo constantes as menções às

porteiros, capelas e canaviais em volta das casas-grandes, em enredos cuja ambientação adota a noite como o momento mais frequente. Os narradores são ex-escravos, convocados como a voz da sabedoria institucionalizada para relatar estórias, nas quais uma atmosfera de medo e terror leva os personagens a caminhos onde se defrontam com aparições vagando na escuridão. As almas penadas são requisitadas para restituir sentido a um passado vinculado aos sítios, taperas e terreiros dos engenhos que um dia foram sua morada, rememorando um tempo regido por sementeiras, colheitas e moagens da cana-de-açúcar.

Nesse espaço é edificada a imaginação literária de Jayme Griz. Apropriando-se desse *locus horrendus*, seus relatos alcançam vigor e originalidade. Entretanto, assemelhado aos banguês, suplantados pelas usinas, a contística griziana não encontra receptividade na contemporaneidade, seja no âmbito cultural, seja no acadêmico, que não sistematizou seu lugar na literatura pernambucana. As curtas resenhas e análises dos seus livros estão dispersas em jornais de meados do século XX, com poucos trabalhos em revistas especializadas, sendo escassa uma crítica abalizada de sua produção. Essa lacuna é mais aguda quanto à ausência de critérios que tipifiquem com propriedade o caráter estético de sua ficção, usualmente acolhida sob a égide do fantástico. Faz-se necessário atentar para recortes específicos dos relatos, como a recorrência ao empirismo, as temáticas enfocadas, a natureza do sobrenatural e o *locus* que os diagrama. A classificação das visagens, a maneira como o desconhecido irrompe na realidade, a presença da História e a interação entre as culturas africana e brasileira são vieses a serem perscrutados para uma melhor interpretação das narrativas.

Nessa seara se debruça André de Sena, no artigo „Literatura fantástica em Pernambuco: alguns recortes”. Nele busca-se descortinar aspectos do gênero em obras de Carneiro Vilela, Gilberto Freyre e Jayme Griz, desbravadores das fronteiras entre o natural e o sobrenatural na literatura pernambucana. Carneiro Vilela foi pioneiro nessa tradição em enredos permeados por elementos góticos, conjugados a nuances finisseculares oitocentistas. Neles são incorporadas criações e recriações de novos mundos, dimensões e processos imaginativos, obedecendo à estrutura clássica do fantástico: parte-se de um plano da realidade estabelecida, de onde brotará o insólito. O viés cientificista dos Oitocentos, aliado à chegada tardia do Romantismo no Brasil, determinaram, em grande medida, as limitações miméticas das obras vilelianas, ainda condicionadas sob o âmbito do realismo. Porém, com *A emparedada da Rua Nova*, o autor fundou o processo de mitificação dos espaços públicos e privados de Recife, aceitos como distópicos e fantasmagóricos. Ainda que eles tenham sido explorados em relatos orais em outros momentos literários, com suas narrativas manifesta-se o fenômeno do espelhamento em seu sentido mais lato: a vida cria o mito, a Literatura o redimensiona e o traz de volta à realidade de forma ainda mais impactante. Essa mistura entre o real e o ficcional instaura a tradição de associar fatos da realidade com a ficção, amparada em elementos insólitos (SENA, 2015, p. 22).

Gilberto Freyre aprofundou a tendência ao hibridismo iniciada por Carneiro Vilela: ora antropólogo, ora ficcionista, ele concede protagonismo ao sobrenatural que perpassa a vida dos recifenses em *Assombrações do Recife velho*, livro patenteado como uma junção de gêneros: metade estudo sociológico e registro folclórico, metade crônica e ficção insólita. Os relatos trazem fatos reais tismados por ocorrências extraordinárias, dependentes de um espaço geográfico mágico para o qual confluem o imaginário da capital pernambucana, expondo o quinhão de misticismo e imaginação atrelados às origens da cidade, aliado às aparições que assediavam seus habitantes. Na percepção do autor, os elos entre vivos e mortos, instituindo correspondência entre os mundos infra e supra-humano, são mediados pela crença de um apaziguado convívio entre homens e espíritos de anjos, demônios e santos com quem eles conversam, inspiram, advertem, confortam ou aterrorizam (FREYRE, 1987, p. 26).

A hibridez das narrativas vileliana e freyriana, nas quais as marcas do cotidiano são transfiguradas e migram para o sobrenatural, serve para contextualizar o *pathos* dos contos

grizianos. Um registro inicial assente em compreendê-los como uma contraparte, um polo complementar aos de *Assombrações do Recife velho*. Gilberto Freyre assinala esse prisma ao aludir à existência de uma ecologia fantasmática ampla, exigindo ser tipificada: haveria assombrações dos ambientes citadinos, outras se limitariam às matas e descampados. Nesses espaços, malassombros são criados e recriados, sinalizando para a originalidade das narrativas de Jayme Griz: personagens são assediados por mistérios, arrebatados à vida por estranhos *rendez-vous* com a morte, marcados por vinganças das forças da natureza contra o homem, quase sempre um lavrador ou agricultor atuando a céu aberto.

Essa cosmovisão do mundo agrário, aliada à decadência do regime escravagista de fins do século XIX e início do XX, quando a Zona da Mata Sul, marcada historicamente por raízes coloniais, recebeu investimentos que reposicionaram o lugar do homem naquela região, contribui para ressaltar outra face dos contos: a de manter uma memória social. Ao confrontar a modernidade em enredos permeados de elementos da tradição, ambientadas em uma época de mudanças na distribuição do tempo, ritmo e organização do trabalho, dá-se a interlocução entre a oralidade e modelos de existência em extinção. Entretanto, enquanto a paisagem rural se remodelava, e questões econômicas marcavam um novo cenário social, nesse hiato eram perpetuadas histórias de casas mal-assombradas, lendas e fantasmas entre os habitantes de cidades como Água Preta, Catende, Escada, Palmares, Paulista e Rio Formoso, margeadas por estradas, várzeas e canaviais.

Com a história, a mitologia e o telurismo *O lobishomem da porteira velha* e *O cara de fogo* ascendem na literatura fantástica de Pernambuco, ao retratar o mundo açucareiro sob uma vertente alheia ao realismo da Geração de 30, assomando nos seus relatos almas penadas e quimeras no universo feudal do interior nordestino. Suas obras recuperaram a influência mística e religiosa de Portugal espalhada pelos trópicos, evocando em manifestações de cunho regional pontos de contato com a Europa. Esse amálgama de culturas sintetizaria a formação do Brasil, despontando elos entre crenças do homem mais rústico de origem lusitana e de princípios cristãos com os mistérios das agrestes populações tropicais, galvanizando registros advindos das histórias do Oriente, da África e da América (FREYRE, 1956, p. 13-15).

IV.

Com esses contornos de fundo histórico emoldurando as narrativas grizianas, a conotação estética alcançada pelos liames entre vida e obra, na dimensão paratópica aventada por Dominique Maingueneau, assume um prisma inovador ao estabelecer avanços em relação às realizações vilelianas e freyrianas. Como lembra André de Sena, enquanto estas se originam na representação espacial de Recife e, derivadas de uma visão histórica e antropológica, os matizes estéticos a elas se sucedem, com Jayme Griz a mímese da realidade é alicerçada na esfera do ficcional: ela parte de um movimento no qual a Literatura surge como uma via para modalizar o registro social. Nesta perspectiva, suas poesias, contos e ensaios restituem grandeza às produções simbólicas da Zona da Mata Sul, trazidas a lume em meados do século XX, sob a égide de uma difusa modernidade em voga no Brasil, à época e ainda tisonada pelo estigma do atraso e da desigualdade social.

Referências

Andrade, Manuel Correia. *Secretaria da Fazenda: um século de história*. Recife: Secretaria da Fazenda do Estado de Pernambuco, 1991.

Azevedo, Neroaldo Pontes de. *Modernismo e regionalismo: os anos 20 em Pernambuco*. 2. ed. João Pessoa: Editora da UFPB, 1984.

Cascudo, Luiz da Câmara. “Prefácio”. In: Griz, Jayme. *Acauã (Poemas)*. Recife: Gráfica Imprensa Oficial, 1959.

Cunha, Israel Ozanam de Souza. “Folclore e política: Jayme Griz e palmares em memórias de liberdade”. *Revista do IAHGP*, Recife, n. 69, 2016, p. 339-359.

Freyre, Gilberto. “Prefácio”. Griz, Jayme. *O lobishomem da porteira velha*. Recife: Arquivo Público Estadual, 1956.

Freyre, Gilberto. *Assombrações do Recife velho*. 2 ed. Rio de Janeiro: Record, 1987.

Griz, Jayme. *Rio Una*. Edições Diário da Manhã: Recife, 1951.

Griz, Jayme. *Palmares, seu povo, suas tradições*. Recife: Edições Diário da Manhã S/A, 1953.

Griz, Jayme. *Gentes, coisas e cantos do Nordeste*. Pernambuco: Secretaria do Interior e Justiça / Arquivo Público Estadual, 1954.

Griz, Jayme. *O lobishomem da porteira velha*. Recife: Arquivo Público Estadual, 1956.

Griz, Jayme. *Acauã*. Recife: Gráfica Imprensa Oficial, 1959.

Griz, Jayme. *Negros*. Recife: Arquivo Público/Imprensa Oficial, 1965.

Griz, Jayme. *O cara de fogo*. Recife: Gráfica Companhia Editora de Pernambuco/Museu do Açúcar, 1969.

Paz, Raissa Alves Colaço. *Preocupações artísticas: o caso do Atelier Coletivo da Sociedade de Arte Moderna de Recife*. 2015, 298 f. Dissertação (Mestrado em História). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas/Unicamp, Campinas.

Salles, Vicente. “Cantigas do Banguê.” *Leitura*, Rio de Janeiro, v. 19. n. 39, set. 1960, p. 34.

Schwarcz, Lilia Moritz. *Lima Barreto: triste visionário*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. p. 450.

Sena, A. “Literatura fantástica em Pernambuco: alguns recortes”. In: García, F.; Pinto, M. O.; Michelli, R. (Orgs.). *Vertentes do fantástico no Brasil: tendências da ficção e da crítica*. Rio de Janeiro: Editora Dialogarts, 2015.

Zaidan Filho, Michel. *O fim do nordeste e outros mitos*. São Paulo: Cortez, 2001.

Recebido em: 27 de agosto de 2019
Aceito em: 05 de novembro de 2019
Publicado em: Dezembro de 2019